

40 Anos de Alma Ata e a Medicina de Família e Comunidade na UnB:

Um momento de reconciliação com a história

Vinícius Ximenes Muricy da Rocha*

Ana Paula Borges Carrijo**

Felipe de Oliveira Lopes Cavalcante***

Paula Cristina Moreira Couras da Silva ****

As Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Medicina, de 2014, abriram uma “janela histórica” decisiva para a consolidação da medicina de família e comunidade como campo de conhecimento e práticas estruturado no âmbito da formação médica.

Muitas mudanças, no sentido do crescimento da Medicina de Família e Comunidade já vinham acontecendo mesmo antes de 2014 em diversos cursos de Medicina, públicos e privados. Mas um grande desafio para o avanço destas mudanças eram estas serem implementadas em grandes universidades públicas federais, nos cursos localizados nas sedes das universidades, geralmente mais “tradicionais”. E a Universidade de Brasília vem sinalizando um caminho para se alcançar uma mudança significativa.

O novo marco organizador dos cursos de graduação em Medicina, além de incentivar a estruturação de atividades de integração ensino-serviço-comunidade durante os seis anos de um curso de Medicina, propõe uma carga horária mínima de 30% dos Internatos dos cursos de Medicina na Atenção Básica e Urgência e Emergência, sendo predominante esta carga horária voltada ao ensino da Medicina de Família e Comunidade.

Além disto esta DCN distingue a Medicina de Família e Comunidade da área de conhecimento da Saúde Coletiva. Enquanto esta última é um campo acadêmico consolidado no Brasil, que reúne saberes da Gestão e Planejamento em Saúde, da Epidemiologia e das Ciências Sociais e Humanas em Saúde, **a Medicina de Família e Comunidade se propõe como uma área eminentemente clínica**, com saberes próprios, ou seja, não sendo um mero amálgama entre outras áreas básicas da medicina (Medicina Interna, Pediatria, Ginecologia e Obstetrícia, Cirurgia Geral e Medicina Preventiva e Social).

A Medicina de Família é um resgate da clínica geral do passado, abordando pessoas de todos os ciclos de vida em ambientes predominante do ambulatório geral e do cenário comunitário, mas tendo uma capacidade de contextualização para lidar com o cuidado o mais psicossocial possível, determinado socialmente e sendo portadora de competências culturais e “ético-políticas” para que a garantia do direito à saúde das pessoas possa ser algo efetivo. O médico de família e comunidade é um profissional que “defende o paciente” em qualquer contexto social e econômico. Tanto em países da Europa Ocidental como das Américas com bons sistemas de saúde, tanto os “mais ricos como os mais pobres” tem seu médico de família como referência para o seu cuidado e de sua família ao longo de toda a vida, seja no setor público como no privado.

Assim a Faculdade de Medicina da UnB, em 2016, iniciou um novo currículo ousado, baseado nas novas DCN. Ao longo de todo o curso há atividades com importante enfoque na atenção primária à saúde (que alcançam mais de 25% da carga horária do curso), sendo três disciplinas nos primeiros três semestres onde a Saúde Coletiva e a Medicina de Família e Comunidade trabalham juntas para proporcionar aprendizados em imersão na realidade do sistema de saúde; outras cinco disciplinas clínicas voltadas ao ensino da Medicina de Família e Comunidade; e dois rodízios de Internato que somados chegam a quase 01 (um) ano de atividades, com forte vivência clínica e social numa prática de saúde integral que seja resolutive e integrada a territórios de ensino-serviço-comunidade com aspectos de uma “rede de saúde escola”.

Para conduzir a êxito este desafio, o curso de Medicina da UnB tem enfrentado um tema “espinhoso” no âmbito de toda a organização universitária, que é o aspecto da dedicação exclusiva para a prática docente. Tanto a organização da carreira docente como a própria distribuição da matriz financeira e orçamentária das instituições federais de ensino superior tem a dedicação exclusiva como um parâmetro importante, que reconhecemos a relevância, mas que pode inviabilizar a incorporação de determinados perfis de professores para o interior do ensino médico.

Para garantir que um modelo de ensino baseado em integração ensino-serviço-comunidade seja efetivo, com atenção primária no foco e tendo abordagem clínica integral, é importante a incorporação de médicos de família e comunidade, com vivência cotidiana no setor público, para o âmbito da docência nas universidades.

Estes profissionais, que mantêm seu vínculo com o setor público no sistema de saúde, trazem saberes que vem do dia a dia do serviço para a academia. Estes saberes são fundamentais para materializar a imagem-objetiva daquilo que a própria diretriz curricular estabelece, que é

proporcionar uma formação generalista ao estudante, sendo o Sistema Único de Saúde o “ordenador da formação de recursos humanos em saúde”, como está bem estabelecido, no inciso III do art. 200 de nossa Constituição Federal de 1988.

Assim a perspectiva aberta pelo Edital de Concurso para Docente da UnB nº 136/2017, que proporcionou pela primeira vez a abertura de vagas para professores em tempo parcial de 20 horas semanais (TP-20 h) para Medicina de Família e Comunidade, foi um marco para se avançar na incorporação desse perfil de docente para a instituição. Diferente de outros concursos que buscaram docentes em tempo integral de 40 horas semanais (TI-40 h), com ou sem dedicação exclusiva, tivemos no concurso TP-20 h uma grande quantidade de candidatos, com aprovados inclusive com nível de doutorado e cadastro de reserva robusto para viabilizar, naquilo que for possível no “tempo de vacas magras” que vivemos, uma eventual incorporação de médicos de família e comunidade neste e nos próximos anos, a partir de vagas de docentes disponíveis ou que cheguem para esta finalidade na universidade, e que venham com esta validação dada pela sub-área acadêmica da Medicina Social da Faculdade de Medicina, que reúne o corpo docente de epidemiologistas, sanitaristas e médicos de família e comunidade.

Assim a incorporação de médicos de família e comunidade na docência e a implementação da reforma curricular em curso é uma oportunidade histórica ímpar de se resgatar um projeto histórico que tem haver com as raízes do curso de Medicina da UnB, criado em 1966 com uma robusta proposta de formação de generalistas, ousado até mesmo para o cenário atual da formação médica.

A contratação de médicos de família e comunidade para a faculdade é uma oportunidade de “redenção” à demissão, na década de 1970, do professor Luis Carlos Lobo, docente e liderança do curso de Medicina naqueles tempos, figura que foi perseguida duramente pela ditadura militar e seu “reitor biônico” da época. A demissão de Luis Carlos Lobo foi um marco da virada do curso de Medicina em outro sentido, que agora, após mais de 40 anos, busca se reencontrar com sua própria história.

Em 1978, a Conferência Mundial de Alma Ata teve como lema “Saúde para Todos no Ano 2000”. Chegamos ao século XXI, e revisitando sua própria história, a Organização Mundial de Saúde, a partir de sua antiga diretora, Margareth Chan, enunciou em 2008, 30 anos após Alma Ata, que o enfretamento dos dilemas de saúde do planeta passa por “Atenção Primária à Saúde Mais do Que Nunca”.

Para o curso de Medicina da UnB, 40 anos depois, pelo cenário do mundo que vivemos, pelo resgate de sua própria história, chegamos a 2018 com uma bandeira fundamental que não

pode ser ignorada pela oportunidade que nos é dada: “Medicina de Família e Comunidade Mais do Que Nunca”.

*Médico de Família e Comunidade. Sanitarista. Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Católica de Santos. Especialista em Gestão de Serviços e Sistemas de Saúde pelo Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal da Paraíba, em parceria com a FIOCRUZ. Especialista titulado em Medicina de Família e Comunidade pela Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade (SBMFC). Professor da Área de Medicina Social da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília. Membro do Laboratório de Medicina Familiar e Ensino Médico da Faculdade de Medicina da UnB. Coordenador do Programa de Residência em Medicina de Família e Comunidade do Hospital Universitário de Brasília (HUB). Tem experiência em Gestão e Planejamento e Ciências Sociais em Saúde. Atuação na área médica com ênfase em Medicina de Família e Comunidade (MFC), educação médica e educação popular em saúde.

**Médica de Família e Comunidade. Mestre em Saúde Coletiva pelo Programa de Mestrado Profissional em Atenção Primária à Saúde HESF/UFRJ. Residência em Medicina de Família e Comunidade pela Universidade de São Paulo- Campus Ribeirão Preto. Professora da Área de Medicina Social da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília. Membro do Laboratório de Medicina Familiar e Ensino Médico da Faculdade de Medicina da UnB. Atuação em relação médico-paciente/ encontro clínico; comunicação clínica; grupos Balint; narrativas em saúde; subjetividades do cuidado, promoção de saúde e clínica ampliada

***Médico Sanitarista, doutor e mestre em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social (UERJ). É Médico de Família e Comunidade na Secretaria de Estado da Saúde do Distrito Federal. Atuou como Analista em Ciência e Tecnologia e Gestão Pública na FIOCRUZ (Diretoria Regional de Brasília), no Ministério da Saúde (Secretarias de Atenção à Saúde e de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde). Fez residência médica em Medicina Preventiva e Social na Universidade Federal Fluminense. Membro do Laboratório de Medicina Familiar e Ensino Médico da Faculdade de Medicina da UnB. Atuação nas áreas de Política e Democracia, Políticas Públicas de Saúde, Trabalho em Saúde, Comunicação em Saúde, Trabalho Colaborativo em Rede e Redes Sociais.

****Médica sanitaria, geriatra e médica do trabalho. Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Roraima. Especialista em Geriatria pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Especialização em Medicina Geral Comunitária e especialista em Envelhecimento e Saúde do Idoso pela ENSP/FIOCRUZ. Professora da Área de Medicina Social da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília. Membro do Laboratório de Medicina Familiar e Ensino Médico da Faculdade de Medicina da UnB. Tutora do Programa Mais Médicos pela Universidade de Brasília. Atuação em saúde pública, geriatria e envelhecimento.